

## "Na casa de meu Pai há muitas moradas"

Parou na frente da casa e abriu o portão. Com um movimento familiar, entrou com a bicicleta, mas algo o interrompeu.

Visivelmente incomodada, a mulher empurrou o pneu sujo e gasto da bicicleta para trás com um movimento do seu pé.

“O que você quer aqui, menino?”

A resposta para aquela pergunta era tão óbvia que ele ficou sem reação.

“Eu... Eu moro aqui...” balbuciou de maneira quase inaudível.

“O que? Sai daqui agora ou eu chamo a polícia!” ela deu outro empurrão na sua bicicleta.

Ele olhou para os lados, conhecia o lugar, as paredes, as árvores do quintal, mas toda essa familiaridade pareceu desaparecer sob a aspereza daquela mulher. Confuso, e em silêncio, puxou a bicicleta para trás e deu meia volta.

“Deve ser um maloqueiro! E deste tamanho? Valha-me Deus...” a mulher bateu o portão com força, chamando a atenção das pessoas que passavam na rua naquele momento.

Então, ele voltou a pedalar. Parou em outra casa, pensou em entrar, mas a familiaridade da construção desapareceu no momento que deu o primeiro passo em sua direção. Confuso, olhava para os lados, mas nada lhe indicava mais se aquele era mesmo seu lar, a não ser uma vaga lembrança.

Pedalou por uma, duas, três horas. Parou na frente de várias casas e todas lhe traziam alguma lembrança, mas, assim que se aproximava de suas portas, essas lembranças perdiam o foco, tornavam-se imprecisas, borrões sem sentindo. A dúvida o fazia recuar, subir em sua bicicleta e andar mais e mais.

Até que o cansaço o fez parar em uma pequena praça.

Deixou a bicicleta encostada no meio-fio e sentou-se em um dos bancos. Mesmo conhecendo tudo aquilo ao seu redor, as ruas, as pessoas, os carros, não conseguia se lembrar de onde morava.

Não conseguia encontrar sua casa.

Tirou o caderno da mochila e tentou escrever seu endereço. As palavras e números vinham e partiam no mesmo instante, sem que ele conseguisse fixar-se nelas. Em pouco tempo, a página estava cheia de rabiscos sem sentido.

“Olá, rapazinho. Tudo bem?” Uma voz feminina o chamou.

“Oi”

“Ao invés de fazer arruaça, está fazendo a tarefa de casa?” a mulher riu de forma amistosa “Tome esse volume da nossa revista, e depois que acabar sua tarefa, leia, viu?”

“Tá... Obrigado, dona” disse enquanto pegava a publicação.

Observou-a caminhar até perdê-la de vista. Colocou a revista em cima do caderno e se ajeitou da melhor maneira possível no banco de concreto. Cansado da sua procura, acabou adormecendo.

Quando abriu os olhos, à meia luz do fim de tarde, a primeira coisa que viu foi a revista que a mulher havia lhe dado. A frase estampada na sua capa saltou à sua vista.

*"Na casa de meu Pai há muitas moradas"*

Então, ele percebeu que nunca havia tido realmente uma casa. Ou, havia morado em todas aquelas apenas em seus sonhos. Talvez sua morada não estivesse mesmo ali, naquela cidade, mas, se a revista em seu colo estivesse certa, ela estaria em algum lugar. Animou-se com aquele pensamento e, segurando a revista à sua frente, sorriu.

Encheu seu pequeno peito de criança com o ar da noite que chegava e colocou sua mochila nas costas.

Pegou sua bicicleta e partiu.